

SER E TEMPO NA RELAÇÃO DIALÓGICA DE SORÔCO, SUA MÃE, SUA FILHA DE GUIMARÃES ROSA E A CARTA DE MIA COUTO

Ademir Batista da Silva¹

RESUMO: O presente artigo procura discutir as noções de SER e de TEMPO na relação dialógica entre cultura e linguagem nos contos *Sorôco, sua mãe, sua filha*, de João Guimarães Rosa e *A Carta*, de Mia Couto. É uma busca de análise comparativa na qual procuramos identificar os elementos convergentes entre as duas obras. Metodologicamente fizemos uma abordagem teórica a partir de Heidegger (1997), Bakhtin (2000) e Said (1993). A abordagem filosófica pautada na abordagem teórica e cultural possibilita a percepção de nuances nos contos que apontam para diferentes vozes que se sobrepõe e ao estatismo da narrativa. Conclui-se que, tanto Rosa, quanto Couto, mesmo separados, conseguiram imprimir um caráter altamente filosófico em seus contos e trouxeram discussões importantes sobre a relação do ser e do tempo presentes na literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Ser, Tempo, Diálogo, Literatura.

ABSTRACT: This paper discusses the notions of BE and TIME in dialogical relationship between culture and language in stories *Soroco, his mother, daughter* of João Guimarães Rosa and *The Letter* of Mia Couto. It is a search for comparative analysis in which we seek to identify the elements converged between the two works. Methodologically we did a theoretical approach from Heidegger (1997), Bakhtin (2000) and Said (1993). The philosophical approach guided by the theoretical approach and enables the perception of cultural nuances in the stories that point to different voices overlapping and statism of the narrative. It is concluded that both Rosa, as Couto, even separate managed print a highly philosophical character in his stories and brought important discussions about the relationship of being and time in literature.

KEY WORDS: Time, Being, Dialogue, Literature.

Introdução

Este artigo procura discutir as relações que se estabelecem entre o ser e o tempo, a partir de um comparatismo entre as obras “Sorôco, sua mãe, sua filha”, do mineiro João Guimarães Rosa e “A Carta”, do africano Mia Couto. Apesar da separação geográfica e da

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Universidade do Estado de Mato Grosso – campus de Tangará da Serra/MT

temporalidade estética, pode-se dizer que estas duas obras pontuam os mesmos processos de construção narrativa, em que as relações do SER se imbricam com as relações temporais e atemporais.

Falar sobre o tempo em uma obra literária rápida como o conto não é uma tarefa fácil, já que, as noções de tempo e de ser implicam em concepções de posições filosóficas que apontam para a filosofia ateísta pura da segunda metade do século XX, mas possibilitam a compreensão de como o tempo molda o ser e como o ser imprime uma dinâmica ao tempo, de modo que um depende de outro.

A relação básica que pretendemos demonstrar na dinâmica desses dois contos, vistos de forma imbricadas, de modo que a indicação de um e de outro será dado nas notas referenciais ao fim de cada citação direta, ou ao longo do discurso narrativo. Ou seja, não pretendemos cindir a análise, ora em uma, ora em outra obra, mas analisá-las no conjunto, porque assim poderemos perceber como elas se tocam, se provocam e estabelecem uma relação dialogal, ainda que haja a separação geográfica e temporal entre elas.

Da mesma forma, importa frisar que o primeiro momento deste discurso buscará conceituar a noção de SER e TEMPO – assim mesmo em caixa alta – a partir da visão filosófica de Martin Heidegger sobre o assunto, resvalando em alguns conceitos básicos postulados por Sartre e por Simone de Beauvoir.

Não se busca, com esta análise, responder a todas as questões pertinentes que evocam a complexidade que esses dois contos apresentam ao leitor, e mesmo ao analista, bem como, não se pode e não se deve falar em influência de um sobre o outro.

Em matéria de comparatismo literário é mais conveniente falar sobre “postulados estéticos”, isto é, valores e momentos estéticos em que artistas de diferentes quadrantes acabam por produzir obras-primas narrativas, cujas visões de mundo e momentos ideológicos os aproximam.

O Ser e o Tempo

Compreender a noção do SER e do TEMPO exige do leitor um aprofundamento na filosofia ateísta do século XX, mas que recupera os princípios aristotélicos de ser e de tempo calcado em uma dinâmica que envolve não somente o ser de forma atomizada, mas sim, o ser em relação ao tempo, isto é, a compreensão de como o conceito de ser se estabelece em relação ao tempo e como esses dois conceitos se articulam para construir a história.

Para Heidegger (1997, p. 17) “O ser não somente não pode ser definido, como também nunca se deixa determinar em seu sentido por outra coisa nem como outra coisa. O ser só pode ser determinado a partir do seu sentido como ele mesmo. Ou seja, o ser é autônomo, independente, e indefinível.”

Nesse aspecto de compreensão filosófica, tentar conceituar o ser a partir daquilo que se apresenta no outro é uma tentativa válida, já que:

O ser nunca se manifesta direta ou imediatamente, mas sim como ser de um ente. Aquilo que faz presente o ente e que o ilumina, mas que também se faz presente e manifesta-se no ente. A compreensão do ser está sempre incluída em tudo que se apropria do ente; porém, o ser não é um ente. Vem daí a confusão básica, e que precisamos tomar cuidado ao abordá-la, entre ser e ente, e suas compreensões. O ente é um modo de ser e é determinado por este. O ente é tudo aquilo de que falamos / nos referimos; diz respeito a muitas coisas e em sentidos diferentes (como um cachorro, um pássaro, e até mesmo uma cama ou uma cadeira); é o que somos e como somos (HEIDEGGER, 1997, p. 42).

Então a relação entre o ser o ente?? é que dá sentido para a noção de ser. Expandido esse conceito, Simone de Beauvoir e Jean Paul Sarte (1968) postulavam que a essência antecede a existência, ou seja, o ser, enquanto categoria filosófica é uma noção totalizadora e perene, enquanto a existência é transitória e finita.

A segunda noção que se deve abordar, ainda que de forma rápida tem a ver com a noção de tempo, ou temporalidade como Heidegger prefere chamar. Para esse filósofo, o tempo:

A temporalidade une a essência com a existência, une os sentidos do existir; é o que torna possível a unidade da existência, constituindo assim a totalidade das estruturas do homem. Muito mais do que uma soma de momentos, mas uma compreensão, no sentido mais amplo, do passado, do presente, e do futuro (HEIDEGGER, 1997, p. 57)

O tempo só existe em função do ser, é inseparável. Sua continuidade na linha do ser é imanente já que deve receber o estofado de significado. Por esse viés de entendimento, as noções de ser e tempo que se apresentam na obra literária fundem-se para dar uma compreensão de seu significado profundo, principalmente quando se tem um momento estático na evolução temporal, deixando claro que a parada do tempo?, implica invariavelmente na ruptura do ser provocado por uma situação anterior maior e mais

significativa que esgarça esses dois fios que dão sentido à vida humana e que dão ordem ao universo.

A presença da noção de ser e de tempo nas Obras “Sorôco, sua mãe, sua irmã”, de João Guimarães Rosa e “A Carta”, de Mia Couto apontam para esse mesmo momento de tensão, em que a narrativa atinge um limite de tensão em que os dois conceitos intimamente ligados chegam ao momento de ruptura, de modo que as visões narrativas, mais do que um puro entretenimento, ou fruição estética, estabelecem esse jogo de tensão entre ser e tempo.

O Jogo de Tensão do Ser e do Tempo na Narrativa de Rosa e de Couto

A concepção da narrativa que busca expandir os limites das noções de ser e de tempo presentes nas obras de João Guimarães Rosa e Mia Couto possuem um ponto de inflexão, ou um *leitmotiv* – motivo gerador – aparentemente singelo e de pouca expressão: a imanência da memória e da loucura no ser humano.

Porém essa imanência da memória e da loucura, até para o sentido do SER e do TEMPO poder se flexibilizar na narrativa, é necessário contextualizá-lo em termos de cultura, de influências culturais e formação de imaginário. Said (1995) aponta as noções de cultura como fundantes da noção de sociedade e de comportamento da pessoa. Pode-se estender esse princípio e dizer que a cultura passa a fazer parte de um terceiro elemento que, junto com o ser e o tempo, dão sentido de ser às personagens que se debatem nos textos de Rosa e de Couto.

A primeira fase, aquela que aponta o tempo é estabelecida de entrada pelos contistas:

Aquele carro parara na linha de resguardo, desde a véspera, tinha vindo com o expresso do Rio, e estava lá, no desvio de dentro, na esplanada da estação. Não era um vagão comum de passageiros, de primeira, só que mais vistoso, todo novo. A gente reparando, notava as diferenças. Assim repartido em dois, num dos cômodos as janelas sendo de grades, feito as de cadeia, para os presos. A gente sabia que, com pouco, ele ia rodar de volta, atrelado ao expresso daí de baixo, fazendo parte da composição. Ia servir para levar duas mulheres, para longe, para sempre. O trem do sertão passava às 12h45m (ROSA, 1992, p. 55).

Note-se que, no introito do discurso do narrador não há a definição de uma temporalidade, porque a noção de ser ainda não se apresentou. O que se tem é um discurso estático, preso a uma não-temporalidade, já que não houve a definição da pessoa do discurso como um ser: ora, um não-ser leva a um não-tempo.

Ora, se o sentido do ser está atrelado ao sentido do tempo, por analogia e por lógica eles se completam na noção que cada sociedade tem de cultura. Observemos este segundo caso: *A velha dobrou as pernas como se dobrasse os séculos. Ela sofria doença do chão, mais e de mais se deixando nos caídos. Amparava-se em poeiras, seria para se acostumar à cova, na subfície do mundo?* (COUTO, 2008, p. 01)

Note-se a negativa do narrador em estabelecer um tempo definido. O que se tem é um ser que necessita de sua plena realização, mas a falta de uma conjectura temporal limita esse ser a uma posição estática, quase se deixando levar pelos acontecimentos, mas em uma eterna presentidade de que fala Charles Peirce (2000).

Said (1995) aponta, para a questão da cultura – e esta noção envolve as noções de ser e de tempo, que ela é fruto de uma visão ocidental, ou seja, mesmo o conto de Couto ser ambientado na África, os conceitos que a obra apresenta estão intimamente ligados aos modos de ser e de estar da cultura ocidental. Dessa forma, a estática temporal grita como um terceiro elemento na narrativa, numa tentativa de dar substância ao ser a que se refere, no caso, tanto a Sorôco, quanto a Mama Cacilda.

Sorôco vai se revestir da noção de ser a partir do momento que o narrador aponta nele o imperativo de uma dinâmica para que a estrutura do ser não se perca em minudências, afinal, se a narrativa tende a congelar o espaço de ação, o ser não pode ficar congelado, é necessário que se faça presente e com substância para poder dar sentido à narrativa, da mesma forma que Mama Cacilda sentada, fingindo-se dormir para poder melhor ouvir a carta do filho que foi para a guerra, seu ponto de ligação entre o tempo decorrido e a construção do ser como entidade independente está na dinâmica como o espaço da narrativa e a cultura que forma esses espaços interagem para dar forma à narrativa.

Ora, Sorôco estava: [...] *calçado de botinas, e de paletó, com chapéu grande, botara sua roupa melhor, os maltrapos. E estava reportado e atalhado, humilde. Todos diziam a ele seus respeitos, de dó. Ele respondia: - "Deus vos pague essa despesa ... (ROSA, 1992, p. 54).*

Da mesma forma, Mama Cacilda:

A velha se imovia, como se tivesse saudade da morte. Seus olhos não mencionavam nenhuma dor. Eu tentava um alívio, desculpar o menino que não sobrevivera à farda. Nem se entristenha, mamã Cacilda. Também, maneira como carregaram esse menino para a tropa! Sem camisa, sem mala, sem notícia. Atirado para os fundos do caminhão como se faz às encomendas sem endereço (COUTO, 2008, p. 03).

A construção do ser neste ponto torna-se um imperativo não somente discursivo, mas também dialogal, haja vista a estrutura do conto necessitar dessa imagem do ser para que a estaticidade do tempo possa representar. Observe-se que a necessidade de diálogo, tanto em Sorôco, quanto com Cacilda não faz parte apenas da necessidade da dinâmica do conto, mas da própria existência das personagens e de seus valores, tanto pessoais, quanto culturais.

Importa notar que, quando se aborda a questão da cultura como formadora das noções de ser e tempo, pontua-se, principalmente a forma como cada sociedade vê a sua cultura e como essa cultura limita e delimita o ser.

Said (1993, p. 312-313) analisando a noção de cultura aponta que:

Aproximar experiência e cultura significa, evidentemente, ler textos do centro metropolitano e das periferias em contraponto, não atribuindo nem o privilégio da "objetividade" para o "nosso lado", nem o fardo da "subjetividade" para o "deles". Trata-se do problema de saber como ler, como dizem os desconstrucionistas, e não separar essa questão de saber o que ler. Textos não são objetos acabados [...]. Se esses conceitos de contraponto, inter-relacionamento e integração significam algo mais do que uma sugestão patentemente celebratória de um ecumenismo de foco, tal significado existe na insistência da experiência histórica do imperialismo enquanto uma questão, em primeiro lugar, de histórias interdependentes e de dimensões sobrepostas, e, em segundo, de algo que toma obrigatórias as escolhas intelectuais e políticas [...] [através da interpretação dos] dois lados do argumento, não apenas em uma dimensão hermenêutica, mas também política.

A cultura está intimamente ligada com a ideia de civilização, mas uma ligação de modo subjetiva e que dão forma ao modo como o ser humano entende o mundo e a si mesmo. Ora, se considerarmos o ser como parte integrante do mundo e o tempo como delimitador do ser nas relações culturais e civilizacionais, tanto o discurso de Sorôco, quanto o discurso de A Carta não se balizam apenas pela estaticidade dos elementos que se apresentam na narrativa, mas também, na moldagem que esses elementos imprimem ao discurso e à posição espacial de cada personagem.

Observe-se que Sorôco, e Mama Cacilda não são agentes de uma ação, mas sim pacientes. Parece que o mundo passa por eles e os moldam de maneira que vão assumindo características diferenciadas daquela que tinham no começo da narrativa.

O que os outros se diziam: que Sorôco tinha tido muita paciência. Sendo que não ia sentir falta dessas transtornadas pobrezinhas, era até um alívio. Isso não tinha cura, elas não iam voltar, nunca mais. De antes, Sorôco agüentara

de repassar tantas desgraças, de morar com as duas, pelejava. Dai, com os anos, elas pioraram, ele não dava mais conta, teve de chamar ajuda, que foi preciso. Tiveram que olhar em socorro dele, determinar de dar as providências de mercê. Quem pagava tudo era o Governo, que tinha mandado o carro. Por forma que, por força disso, agora iam remir com as duas, em hospícios (ROSA, 1993, p. 56).

Neste ponto se pode observar como as impressões do SER sobre Sôroco são dadas, não pela dinâmica da personagem em si mesma, mas sim pela moldagem exterior que se estabelece em relação à personagem. Sorôco é formado a partir de uma visão fragmentada que o outro tem dele, pois por si só não consegue captar a totalidade do ser. Da mesma forma que nós não conseguimos ver a totalidade de nosso corpo em um único olhar, Sorôco não consegue se perceber como um ser completo. Sua completude é dada pela forma como o outro, como as pessoas que o acompanham, percebem a sua individualidade, o seu SER nesse tempo estático que não sai das doze horas.

Ora, a impressão que eu tenho sobre outro qualquer não é uma impressão pura. Eu consigo captar a totalidade daquele ser, mas a minha visão está condicionada de acordo com meus balizamentos e valores culturais. Posso até captar o ser do outro, mas a reprodução desse ser estará fatalmente ligada às condicionantes culturais e aos determinantes temporais de análise.

Veja que falo em determinantes culturais, e não determinismos. Os determinantes, segundo Said (1993, p.?) são frutos dos condicionantes culturais, das ideologias e das visões que uma determinada cultura tem sobre a outra.

Da mesma forma, pensar o tempo em relação ao ser é estar condicionado aos mesmos valores e condicionantes culturais. O tempo evolui com a história e os costumes de cada tempo são fatores determinantes para que eu veja e compreenda o ser do outro. Isto é, a compreensão, em última análise, não é do ser do outro, mas sim da visão que eu tenho sobre o ser do outro.

Mama Cacilda, ao ser descrita pelo narrador, apresenta essa visão já contaminada. Não mais pura. O narrador assim a define:

[...] pobre mãe, sem nenhuma escola. Foi então que passei a alongar aquela tinta, amolecendo as reais palavras. Inventava. Em cada leitura, uma nova carta surgia da velha missiva. E o Ezequiel, em minha imagináutica, ganhava os infintos modos de ser filho, homem com méritos para permanecer menino. Cacilda escutava num embalo, houvessem em minha voz ondas de um sepultado mar. Ela embarcava de visita a seu filho, tudo se passando na bondade de uma mentira. Diz-se na própria doideira dos vamos loucurando (COUTO, 2008. p. 05)

A personagem-narrador apresenta Cacilda não do modo como ela é, mas sim do modo como ele a vê. Da maneira como ele a sente. Cacilda, apesar de sua força, de toda a sua resignação, é um ser paciente que se amolda às visões que o narrador tem de seu ser, de sua cultura, de sua historicidade e das influências culturais que ela sofreu. Nota-se que Cacilda é uma mulher teimosa, resignada. Essas características, todavia, não servem para que ela assuma o controle de seu ser, mas sim, para que ela se torne mais moldável aos interesses dialógicos que o narrador tem e que se apresenta sub-repticiamente ao longo da narrativa.

O ser e o tempo de Mama Cacilda estão limitados, ao seu banco, à sua casa e à prisão da memória do filho que foi para a guerra e daquela única carta, que a cada leitura vai tomando novos contornos, de acordo com a imaginação, com a inventividade e com a criatividade do narrador. Mama Cacilda, apesar de toda a sua experiência de vida, se deixa moldar por essa carta fantasiosa porque o seu ser está preso a um tempo que não existe mais. O seu ser tende a se esgarçar ao longo da narrativa, mas a manipulação do narrador tende a trazê-la de volta à coerência do tempo, da cultura e da realidade a cada nova leitura da carta.

O Olhar Perdido

O último tópico dessa análise que queremos debater faz referência ao tempo estático da narrativa que chamamos de “O olhar perdido”. Isto porque, como vimos discutindo, apesar de toda a complexidade nas relações entre SER, TEMPO e CULTURA que se apresenta na análise comparativa desses dois contos, outro ponto de convergência também salta aos olhos para um leitor mais atento.

A estaticidade do tempo presente nas obras de Rosa e de Couto aponta para o olhar perdido como algo que está para além da compreensão simples do mundo. Há nesse olhar perdido uma pergunta que não se cala, aliás, que grita a toda força: O que houve?

Mama Cacilda tem um olhar distante do mundo. A única coisa que a mantém presa à realidade é aquela carta do filho que está na guerra. Uma carta fantasiosa que se estica e se retrai à medida que o tempo amolda o seu ser e passa pela janela. A estaticidade de Mama Cacilda não é dada em função da falta de esperança, ou mesmo da negativa em reconhecer que o filho não voltará. Sua estaticidade tem a ver com as tensões da narrativa que envolve o narrador e as personagens.

Mama Cacilda espera por um tempo que não retornará. Sua vaguidão não se limita a descolar-se da realidade que evolui e modifica-se a todo o momento. A busca por um sentido mais profundo na alma de Cacilda liga-a a um mundo onírico no qual o ser e o tempo estão

desvinculados de uma cultura e de um processo histórico. Aponta para o nada, mas não o nada absoluto. Esse nada é o onírico, o ideal de qualquer ser humano, onde os problemas deixam de existir e onde a essência e a existência humanas são doces acompanhamentos de cada manhã.

Ora, volte-se então para a observação de Sorôco. A mesma vaguidão, o mesmo olhar perdido, o mesmo questionamento e o mesmo grito no olhar: O que houve? Sorôco vai mais além, pois o seu grito não ouvido não é só pelo fato da loucura da mãe e da filha, mas também pela perda de seu referencial no mundo.

Como conceber um mundo que se esboroou de um momento para outro? Como posicionar-se e encontrar-se como um SER em um universo que parece que conspira contra e o coloca, a todo momento “na beira do abismo” existencial? O grito não ouvido de Sorôco é o mesmo grito de Bentinho, o mesmo grito que sufoca e não sai da garganta.

Bentinho, na narrativa *Dom Casmurro*, imprime um tom confessional ao seu depoimento, mas o que ele deixa transparecer, sem nunca permitir que se vocalize, é o grito de desespero, a vontade de clamar ao mundo a sua dor, sua frustração e sua impotência diante dos acontecimentos.

Esse mesmo grito, essa mesma voz calada que ensurdece o ouvido do leitor é a voz que perpassa toda a narrativa e que Bakhtin chama de dialogismo, pois trata-se de um discurso sobre um discurso, que se projeta em outro discurso, em um “devir” constante, fazendo com que essas vozes se mesquem e se avolumem de tal forma que a narrativa se torne opressiva, angustiante. E o leitor passa a comungar com a essência do SER das personagens de Mama Cacilda e Sorôco.

Para Bakhtin (2000, p. 137):

As unidades da língua não são dirigidas a ninguém, ao passo que os enunciados têm um destinatário. Quando a palavra é assumida por alguém e ganha um acabamento específico ela se converte em enunciado e, portanto, passa a ser dirigida a alguém. As unidades da língua são neutras, enquanto os enunciados carregam emoções, juízos de valor, paixões. Elas sendo entidades potenciais, têm significação, que é apreendida da relação com outras unidades da mesma língua ou de outros idiomas. Os enunciados têm sentido, que é sempre de ordem dialógica.

Então esse enunciado presente, mas de forma calada nos discursos de formação do SER de Mama Cacilda e de Sôroco dão-lhe o estofado necessário para ser o elemento que causa desconforto ao narrador, e o faz assumir, por um instante, o lugar dessas personagens.

Mas o assumir esse papel, faz com que o ser, nesse caso vá se apagando em relação ao tempo, pois as suas referências espaciais, temporais e vivenciais estão sendo-lhe arrancada.

É necessário a esse ser reconectar-se com o mundo, mas não há como. Sua postura estática, sua moldagem de fora para dentro, feita pelos demais, o deixou impotente para uma ação mais efetiva. Sorôco aceita a moldagem de fora. É uma maneira de auto-proteção que não atinge o seu íntimo, mas também é uma forma de moldagem que despersonaliza a personagem e a deixa indefesa em relação às vontades do narrador e das demais personagens.

O olhar perdido que as personagens Cacilda e Sorôco apresentam é a única iniciativa dessas personagens diante de um vagalhão de sentimentos, de moldagens culturais e temporais que o narrador, em uma ânsia dialogal permite a eles?. Mama Cacilda, no seu olhar no nada espera por um filho que ela sabe que não voltará, mas mesmo assim espera, porque acredita que a voz de seu filho a tirará da atitude passiva em relação às demais personagens.

Sorôco atém-se à esperança de que sua mãe e sua filha voltem do hospício para que as suas vozes deem estofa à sua falta de voz. São dois personagens que, mesmo separados histórica e geograficamente, unem-se em um mesmo conceito de vozes que se calam na moldagem do SER e do TEMPO na narrativa de Rosa e de Couto.

Considerações Finais

A análise que fizemos sobre as obras “Sorôco, sua mãe, sua filha”, de João Guimarães Rosa e “A carta”, de Mia Couto apresenta questões que envolvem pontos filosóficos de difícil compreensão do senso comum, mas que auxiliam a compreensão desses dois contos em um fio narrativo coerente.

Ser e tempo são conceitos filosóficos construídos a partir do ateísmo filosófico puro da segunda metade do século XX, mas que auxiliam o leitor a compreender a complexidade das personagens presentes nos contos de Rosa e de Couto, uma vez que eles trabalham com maestria esses conceitos.

Entretanto, ser e tempo não são conceitos simples, pois exigem uma abstração conceitual que implicam em separar o ente do ser para que se possa compreender o segundo elemento, e a partir dele fazer uma referência à ideia do tempo, que na Literatura é diferente do tempo cronológico.

A opção que fizemos neste artigo em analisar a relação entre ser e tempo levou-nos a busca da compreensão da noção de cultura e de valores culturais como elementos moldadores das visões que se tem sobre o ser e sobre o tempo. Tanto Rosa, quanto Couto ao construírem suas narrativas, aplicam conceitos e valores filosóficos, de modo que permitem o

desvendamento dessas personagens a partir da investigação filosófica que os contos apresentam.

É uma construção dialógica, na medida em que, as diversas vozes que se entrecruzam na narrativa tendem a sufocar o grito e a voz das personagens principais que assumem uma atitude passiva diante do narrador, haja vista estarem presos a um esquema, ou arquétipo de mundo que não existe mais, que se congelou no passado, mas que a evolução cultural e histórica deu conta de transformar. O que sobrou foi um mundo que se esboroa, que desmorona, mas que permanece como projeção mental dessas personagens que buscam algo que se perdeu para que a vida possa ter sentido.

A dinâmica de ação da narrativa é dada pela moldagem de tempo e de cultura que o narrador apresenta e impõe às personagens, de maneira que elas são arrastadas para essa nova realidade de mundo, sem a qual se sentem perdidas, como se algo lhes fosse tirado.

Mama Cacilda e Sorôco são esses personagens perdidos e estáticos diante um mundo que evolui e de um tempo que mediado pela cultura amolda o ser a novos parâmetros e padrões de compreensão do mundo. Essa mensagem está presente na comparativa entre esses dois autores, apesar de não poder, em hipótese alguma falar sobre influência de um sobre outro.

É bastante provável que as relações temporais e as mesmas angústias existenciais e conceituais sobre o homem, o tempo, o ser e a cultura foram o *leitmotiv* desses dois autores para a construção de personagens cuja complexidade desafia o leitor a mergulhar em questões cujo entendimento exige visões amplas sobre o mundo e sobre a vida.

Tanto Guimarães Rosa quanto Mia Couto apontam, em seus contos, os valores culturais de uma sociedade em transformação, cujos olhares lançam questões válidas para o leitor, tais como: o que é o ser? como esse ser se comporta diante da evolução temporal e diante das adaptações culturais?

A leitura desses contos transporta-nos para esse tipo de momento de questionamentos e nos mostra a complexidade do ser humano e o seu valor diante da vida e da cultura.

Referências Bibliográficas

BAKTHIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoievski**. Trad. Paulo Bezerra. Forense Universitária. Rio de Janeiro. 1997

BAKTHIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. Hucitec. Campinas. São Paulo. 2000

COUTO, Mia. **A Carta**. In: Contos Africanos. Disponível em: <www.miacouto.blogspot.com/acarta>. Acessado em 25/08/2012.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Hucitec. Campinas. 1997

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. Vozes. Petrópolis. Rio de Janeiro. 2000

ROSA, Guimarães. **Sorôco, sua mãe, sua filha**. In: _____. Primeiras estórias. 1ª ed. Especial. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. Nova Fronteira. São Paulo. 1993